

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**COMO OS LIVROS DIDÁTICOS APRESENTAM A  
HISTÓRIA DA MULHER NO BRASIL NO SÉCULO XX**

**TARCIANA MARIA ALVES BALBINO**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**JUNHO / 2006**

**TARCIANA MARIA ALVES BALBINO**

**COMO OS LIVROS DIDÁTICOS APRESENTAM A  
HISTÓRIA DA MULHER NO BRASIL NO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao  
Curso de História para a  
obtenção do título de  
Licenciatura em História na  
Universidade Federal de  
Campina Grande – Paraíba, sob  
a direção do Prof. Fábio  
Gutemberg R. B. de Sousa.

**Campina Grande – PB**

**Junho / 2006**

**TARCIANA MARIA ALVES BALBINO**

**COMO OS LIVROS DIDÁTICOS APRESENTAM A  
HISTÓRIA DA MULHER NO BRASIL NO SÉCULO XX**

MONOGRAFIA APRESENTADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. FÁBIO GUTEMBERG R. B. DE SOUSA**  
**(ORIENTADOR)**

---

**Prof. IRANILSON BURITI**  
**(EXAMINADOR)**

---

**Profª. Silêde Leila Oliveira Cavalcante**  
**(EXAMINADORA)**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**JUNHO / 2006**



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

### **DEDICATÓRIA**

**Dedico esse trabalho a minha mãe (Benedita) a quem muito amo e sempre esteve presente em minha vida, me criou, educou e procurou sempre não deixar faltar nada para mim, minhas irmãs e meu irmão.**

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho tornou-se possível graças ao estímulo e apoio de algumas pessoas que direta ou indiretamente colaborou comigo, durante a minha trajetória acadêmica em especial no momento da elaboração desse trabalho.

Primeiro, agradeço a Deus por ter me proporcionado saúde, força espiritual e coragem em todos os momentos, não me deixando fracassar nas horas de desespero.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai que sempre me incentivaram a estudar, para que eu fosse bem sucedida na minha vida futura. Sendo esse momento uma vitória minha e deles.

Obrigada aos meus irmãos: Severino, Adriana, Ideliana e Kaliana, que foram solidários com minha luta e sempre torceram pelo meu sucesso.

Agradeço ao meu amigo, companheiro, amante e marido João Neto a quem eu amo muito, pela sua compreensão, seu amor, carinho e atenção, durante esses dois anos de casados me incentivando a terminar o curso, entendendo a importância do mesmo para minha realização profissional.

Não posso deixar de lembrar pessoas maravilhosas que conheci na Universidade como: Luciene, Marcelo, Naldo, Cinária, Josemar, Marié, dentre tantos outros com quem convivi e guardo preciosas lembranças.

A professores como: Silêde Leila, Celson, Eronildes Câmara, os quais guardo de maneira especial em minha vida e vou sempre lembrar. Em especial a Fábio Gutemberg, um professor que sempre tive grande admiração e esta só veio a aumentar com a sua dedicação e atenção como orientador desse projeto monográfico. Não posso deixar de lembrar Iranilson Buriti pela sua calma e atenção nas aulas de prática.

Jamais posso deixar de lembrar minhas amigas Elizângela e Renata com as quais morei os dois primeiros anos de faculdade e juntas nos divertimos muito, sendo sempre compreensiva uma com as outras sabendo respeitar nossas diferenças e unir nossas afinidades.

Enfim, agradeço a todos que passaram por minha vida durante essa trajetória acadêmica.

A todos o meu abraço e o meu mais sincero Obrigada.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	
<b>Capítulo I:</b> O Livro Didático de História do Brasil: O Lugar da mulher em diferentes perspectivas Teórico- Metodológicas.....	01
<b>Capítulo II:</b> O Lugar da mulher nas narrativas do Livro Didático de História do Brasil.....	13
<b>Capítulo III:</b> A mulher na iconografia dos livros didáticos de história do Brasil.....	26
Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	36
Anexos.....	38

## INTRODUÇÃO

O Livro didático é destinado a um público específico: professores e alunos. Ele é o objeto de trabalho do professor e para o aluno o objeto de estudo. Embora não seja a única fonte bibliográfica que se utiliza em sala de aula, torna-se a principal, pois é com ele que se trabalha diretamente.

Há opiniões diversificadas em relação ao livro didático por parte de profissionais da área, os quais em sua maioria questionam os conteúdos, a forma como são escritos, a falta de alguns temas, as atividades, ilustrações e textos complementares.

Os discursos em torno dos livros didáticos têm feito os autores desses materiais, mudarem a forma de colocar os conteúdos, introduzirem novos temas, novas propostas de atividades, de modo a atender as exigências do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático que possa trabalhar em consonância com as propostas do ensino dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Resolvi trabalhar com o livro didático na elaboração da minha monografia, por já trabalhar em sala de aula com a disciplina de História. O tema ser trabalhado é a mulher, ou melhor, como a mulher aparece nos livros didáticos na história no Brasil no século XX, como os historiadores que escrevem os livros didáticos oferecem espaço a mulher na construção da história brasileira.

É comum vermos nos livros didáticos sempre a história ligada aos fatos políticos e econômicos, nos mais recentes percebe-se outros temas abordados como a história social e do cotidiano, mas em sua maioria o homem aparece como personagem central dessa história, pouco se fala da mulher, sendo apenas citada em passagens do texto.

A realização desta pesquisa consiste na análise de seis livros didáticos de História da 8ª série, referentes aos anos 80.90 e 2000, sendo dois livros por cada década. Dos anos 1980: *História do Povo Brasileiro – Império e Republica*, de Renato Mocellin; *História do Brasil – da Independência aos dias atuais*, de José Dantas; dos anos 1990: *História e Reflexão*, de Gilberto Cotrim; *Cultura e Sociedade* de Lucy R. Valentini, Maria Célia P. Vilela e Marlene Ordoñez; e dos anos 2000 *História, Cotidiano e Mentalidades*, de Ricardo Dreguer e Elieto Toeldo e *História por Eixos Temáticos*, de Antônio Pedro e Lizânias de Souza Lima.

No capítulo I: O Livro Didático de História do Brasil: O lugar da mulher em diferentes perspectivas Teórico- Metodológicas busco perceber o lugar da mulher a partir

das mudanças teórico-metodológicas ocorridas no livro didático. No capítulo II: O lugar da mulher nas narrativas do Livro Didático de História do Brasil, analiso como os autores dos livros didáticos discorrem sobre a mulher na história do Brasil no século XX. No terceiro capítulo: A mulher na iconografia dos livros didáticos de história do Brasil, verifica como a mulher está sendo representada através das ilustrações.

## **CAPÍTULO I: O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO BRASIL: O LUGAR DA MULHER EM DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.**

As produções de livros didáticos passaram a ser um tema de longas discussões e por estarem enraizadas nas práticas escolares, passaram a ser questionados em relação aos conteúdos e exercícios propostos.

Resolvi desenvolver meu trabalho monográfico a partir da análise de livros didáticos dos anos 80, 90 e 2000. Neste primeiro capítulo busco identificar o lugar da mulher nos livros didáticos em diferentes perspectivas Teórico- Metodológicas.

Para uma maior abrangência do trabalho a ser desenvolvido, utilizarei alguns textos com discussões do livro didático de História, tais como: *O Herói Nacional para Crianças*, de Thaís Nívia de Lima e Fonseca; *O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD* (Programa Nacional do Livro Didático), de Sônia Regia Miranda/ Tânia Regina de Luca e *O Processo de avaliação de livros didáticos – História* de Holien Gonçalves Bezerra, os quais trazem questões importantes a respeito da elaboração dos livros didáticos de história.

Os livros didáticos têm sido de fato, um dos grandes responsáveis pela permanência de discursos fundadores da nacionalidade. É fundamental, portanto, discutir as suas dimensões como lugar de memória e como formador de identidades.

Embora o meu trabalho monográfico tenha como recorte temporal as décadas de 1980, 1990 e 2000, abro um parêntese para comentar a produção de materiais didáticos no decorrer do Regime Militar, pois acho importante para que melhor percebamos fatores que contribuíram para o surgimento de modificações de ordem teórico-metodológica nos livros didáticos de história no decorrer das décadas de 1980 e 1990.

O período militar foi marcado pela censura e a ausência de liberdades, e o livro didático se transformou em uma espécie de instrumento responsável pela difusão do ideário ditatorial. Tendo em vista a manipulação e controle, era marcante a presença de civismo nas obras, uma história que privilegiasse os heróis da política nacional, os grupos que formavam a elite brasileira e as festas cívicas.

Havia uma preocupação por parte dos autores destes materiais didáticos em produzir uma história harmônica entre o Estado e a Sociedade; os conflitos sociais, a cultura, as grandes diferenças sociais existentes no país não eram interessantes para o regime e os seus ideais políticos.

Cabe destacar que a associação entre os agentes culturais e o Estado autoritário transcendeu a organização do mercado consumidor da produção didáticas e envolveu relações de caráter político-ideológico, cujas repercussões sobre o conteúdo dos livros didáticos foram marcantes, sobretudo pela perspectiva de civismo presente na grande maioria das obras, bem como pelo estímulo a uma determinada forma de conduta do indivíduo na esfera coletiva. (MIRANDA/LUCA, 2004:125)

## **1. As mudanças nos livros didáticos na década de 80**

Aos poucos, as narrativas que se faziam presentes nos livros didáticos de história durante o Regime Militar, foram se modificando. A representação elaborada privilegiando determinado grupo político e seus interesses vai cedendo espaço para outros discursos. A idéia de que os livros didáticos de história deveriam ser produzidos a partir de novas perspectivas teórico-metodológicas fez surgir um novo modo de representar a História Nacional nos livros didáticos e foi em meados dos anos 80 que este tipo de debate foi tendo maior espaço no meio acadêmico. Pode-se dizer que a partir da década de 1970 e início de 1980 começa uma discussão a respeito de problemas existentes nos livros didáticos de história e novos temas passam a ser abordados ao lado das questões de ordem política, os problemas sociais, ou melhor, algumas questões sociais passam a fazer parte da História Nacional. No processo de democratização dos anos 80 os conhecimentos escolares passaram a ser questionados e redefinidos por reformas curriculares.

Na realidade, ao se distanciar do discurso positivista voltado para heróis e mitos, se instituiu um outro, ou seja, critica-se a produção historiográfica de um determinado período e passa-se a instituir uma nova posição teórico-metodológica, uma outra verdade. Em outras palavras, será uma outra forma de representar diferentes episódios da História do Brasil.

O livro didático e a educação formal não estão descolados do contexto político e cultural e das estruturas de dominação, sendo, muitas vezes instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos. Sua elaboração não parte, exclusivamente, de interesses pré-estabelecidos, mas incorpora, também, as concepções de história e os sistemas de valores dos autores e de seu tempo. (FONSECA, S/D1)

O certo é que na década de 1980, a produção dos livros didáticos da História promoveu uma História Nacional menos distante dos problemas vividos pela sociedade brasileira.

Nos anos 80, na conjuntura da reconstrução democrática, algumas tímidas ações no âmbito da Fundação de Assistência ao Estudante tangenciaram a discussão acerca dos

livros didáticos de história e em 1985 foi criado o PNLD - Programa Nacional do Livro Didático. Esse programa foi se delineando no sentido de incorporar os professores no processo de escolha do livro didático a ser por ele utilizado.<sup>1</sup>

É certo que os livros didáticos de História produzidos a partir de 1980 procuraram se distanciar da História tradicional cheia de fatos e eventos políticos e trouxeram as diferenças e as lutas de classes, algo inexistente até então nesses materiais, mas a história totalmente masculinizada se faz presente como forte característica desse material, percebe-se um forte silêncio no que se refere à participação da mulher.

### 1.1 Livros Didáticos de 80.

Na apresentação do livro *História do Povo Brasileiro – Império e República* de Renato Mocellin, 1985, percebe-se a ênfase que o autor dá para diferenciá-lo da história tradicional.

O objetivo principal desta obra é mostrar de forma crítica a História do Brasil, levando o aluno a buscar no passado as origens dos nossos problemas atuais. Não temos receio de dizer que pretendemos fazer a História do Povo Brasileiro e não a de alguns 'heróis' como é habitual. (MOCELLIN, 1985:3)

É visível a preocupação do autor em instituir um estudo inovador da história bem dentro dos debates acadêmicos, voltado para uma nova leitura da história.

O livro está dividido em 24 capítulos sendo oito deles direcionados ao “Brasil Império” e dezessete ao “Brasil República”. Os capítulos são divididos em tópicos muito resumidos, no final de alguns capítulos há um texto para análise acompanhado de questões simples e bastante diretas, sem dá espaço para reflexão, da mesma forma as questões gerais sobre todo o capítulo, perguntas iniciadas com: Qual? Quem? Como? O que? Por quê?

Percebe-se uma narrativa em que a luta de classes se faz presente, o que mostra um diálogo com o pensamento marxista. As diferenças sociais existentes no país, a opressão sofrida pela população, fosse ela rural ou urbana, a luta dos operários, a busca dos partidos políticos pelo poder, estão presente claramente na obra. No capítulo “Aspectos Gerais da República Velha” pode-se perceber alguns pontos citados acima.

---

<sup>1</sup> A escolha dos livros didáticos só chegou bem mais tarde nas mãos dos professores e não funciona como deveria, porque o tempo é mínimo para o professor analisar e escolher, é o tempo apenas de manusear o livro e nem sempre o material escolhido é o que chega à escola. (Tarciana M<sup>a</sup> Alves)

Não eram assalariados, pois não viam a cor do dinheiro. Recebiam vales ou moedas próprias de certas usinas ou fazendas. Viviam em dificuldades, sendo explorados pelos poderosos. (MOCELLIN, 1985:49)

Em São Paulo o movimento obteve a adesão de quase todo o operariado paulista. A polícia, como sempre, procurou reprimir violentamente o movimento. Os operários reagiram, erguendo barricadas. (MOCELLIN, 1985:51)

Ao lado das diferenças sociais, da política, das questões econômicas, Renato Mocellin abre espaço para a questão cultural, no último capítulo, e a cultura em poucos momentos aparece no decorrer da obra.

No que diz respeito a mulher, que é o meu objeto de estudo, ela aparece em dois momentos: quando adquire o direito ao voto em 1934 e no último capítulo sobre “A Evolução Cultural”, quando cita-se o nome de algumas mulheres como Elis Regina, sucesso na música.

O segundo livro da década de 1980 que me propus a analisar é *História do Brasil, da Independência aos dias atuais*, de José Dantas, de 1989. Na apresentação o autor utiliza-se das seguintes palavras ao descrever o livro.

Sem desprezar os fatos e cronologia, o texto é principalmente analítico e permite o entendimento da História como processo. O aluno não recebe a história pronta e passivamente. A cada momento ele vai descobrindo e participando da formação histórica do país. O aluno está habituado a estudar a história com a visão das classes dominantes. Procuramos demonstrar que há uma outra visão: pode-se pensar na história com uma visão das classes oprimidas, as classes trabalhadoras. (DANTAS, 1989:5)

Ao lê-se a apresentação da obra, percebe-se uma proposta não diferente da primeira obra analisada, como também certa ligação do autor com o marxismo, ao mostrar a preocupação em descrever os embates envolvendo as diferentes classes sociais.

O livro está dividido em 19 capítulos, sendo nove sobre o “Império no Brasil” e dez voltados para o “Brasil República”, todos distribuídos em 138 páginas. Os capítulos do livro são apresentados de forma bastante resumida, tendo no final de cada um deles um resumo, todos intitulados: “Para você não esquecer o que é fundamental neste capítulo.” O que passa a idéia de memorização dos fatos e aceitação dos mesmos como uma verdade pronta e acabada, indo contra a proposta da apresentação de DANTAS.

O livro não traz propostas para nenhum tipo de atividade e não apresenta nenhum exercício sobre os capítulos, deixando a critério do professor a elaboração das atividades a serem trabalhadas pelos alunos.

A luta de classes, aspectos culturais do Brasil, as diferenças sociais, são conteúdos presentes em DANTAS (1989). Ele não prioriza uma história da classe dominante. No capítulo “A crise da República dos Coronéis Fazendeiros”, há passagens sobre a classe operária.

A Classe operária, embora ainda não muito organizada, já se manifestava contra os baixos salários, contra as precárias condições de trabalho nas fábricas e contra a sua difícil condição de vida. (DANTAS, 1989:92)

Em outros capítulos também aparecem às condições e a luta do operariado e problemas sociais que afetavam o país. Quando o autor trata do Regime Militar surge o retrato da pobreza no Brasil, afirma que “*Diante de tantas dificuldades os mais pobres no limiar da miséria, saqueavam supermercados*”. (DANTAS, 1989:131)

Quanto à presença da mulher na história do Brasil a partir do século XX, em DANTAS, ela aparece apenas nas ilustrações, no texto escrito em nenhum momento há referência à mulher.

Diante das narrativas apresentadas pelos livros produzidos nos anos 80, percebe-se o afastamento do tipo de história produzida nos livros didáticos na época do Regime Militar e o início de uma nova leitura da história, como proposta para levar até o aluno uma outra visão dos fatos. A mudança na organização dos conteúdos é visível, mas se mostram muito apegados a idéia de memorização, com exercícios que não exigem raciocínio dos alunos e uma história totalmente masculina, deixando a mulher quase imperceptível em suas páginas, tendo uma pequena referência no livro de MOCELLIN. Um outro ponto que caracteriza os livros didáticos da década de 80 é a simplificação dos textos e os capítulos bastante resumidos, com um conteúdo influenciado pelo pensamento marxista.

## **2. As Produções Didáticas na década de 90**

Em fins dos anos 80 e início da década de 1990, outras possibilidades de narrativas surgem, voltadas para o cotidiano e as mentalidades, com a criação dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, e com o PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, objetivando uma melhora nas produções didáticas, facilitando a aprendizagem e desenvolvendo uma narrativa mais próxima do universo do aluno.

Trabalhar com o universo do aluno é uma das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que em suas reflexões sobre o ensino de história estimulam os professores a não anular a capacidade do aluno, que o faça sentir-se parte integrante e

agente de uma história que desconsiderava sua vivência e era apresentada como um produto pronto e acabado, ou seja, a realidade e experiência do aluno deve caminhar de mãos dadas com o ensino de história.

Em meados dos anos 90 ao lado da história do cotidiano e das mentalidades, um outro ponto torna-se importante nos livros didáticos, à questão da cidadania.

Os desafios de tornar o conhecimento e cultura acessível a amplos e diversos setores da população – condição de emancipação humana – é o de colocar o ensino de história a serviço da formação de uma nova cidadania, aquela que privilegia a participação de indivíduos equipados de instrumentos de compreensão histórica... (SIMAM, 1999: 253)

Um dos critérios de avaliação utilizados pelo PNLD é se o autor em sua produção procura discorrer sobre o conceito de cidadania. É comum encontrar nos livros didáticos de história produzidos a partir de meados da década de 1990, toda uma preocupação dos autores em trabalhar a questão de cidadania. Cotidiano, mentalidade e cidadania são novas abordagens que caracterizam as produções didáticas da década de 90. Será que a mulher estará presente nessas novas abordagens?

## 2.1 – Livros Didáticos de 90.

Entre os livros didáticos da década de 1990 que analiso, abro espaço para um de 1998, *História e Reflexão*, de Gilberto Cotrim.

Um parágrafo que chamou a minha atenção na apresentação da obra foi o seguinte:

No plano didático, a preocupação básica foi despertar a motivação dos alunos para o estudo da História. Nesse sentido, foram criadas seções especiais que estimulam o questionamento, o debate e a análise dos temas estudados. Enfim, o estudo da História foi focado de forma a desenvolver a reflexão do aluno e não apenas sua memória. (COTRIM, 1998:3)

Pela apresentação da obra, percebe-se a preocupação do autor no tocante a reflexão e não a memorização, uma perspectiva bem dentro das propostas dos PCNs e dos discursos acadêmicos vinculados ao ensino de história.

Quando passei a analisar a obra detendo-me nos capítulos sobre a História do Brasil a partir do século XX, a qual se resume no livro a cinco capítulos, dos quinze que compõem obra, percebi que os textos principais apresentam-se de forma bastante simplificada, com um forte apego a datas, enfatizando as questões políticas e econômicas que marcaram o período, mas ao término dos mesmos o autor apresenta alguns textos

complementares, intitulados “Textos e Documentos” e em um terceiro momento, outro chamado “Cotidiano na História.” Esses textos são importantes por serem novas fontes e novas visões, que enriquecem e ampliam o conteúdo do texto básico e para cada um desses foi elaborada uma série de atividades visando verificar a compreensão da mensagem, análise e reflexão dos temas abordados.

O tipo de atividade proposta pela obra de Gilberto Cotrim leva o aluno a sintetizar os textos, identificar o tema central e discutir questões colocadas pelos autores, percebe-se uma preocupação do autor em contribuir para o desenvolvimento do aluno no que diz respeito à reflexão, condizente com a proposta presente na apresentação.

No que diz respeito à presença da mulher, essa é mínima, percebe-se uma história ainda muito presa ao masculino, o homem como condutor da nossa história. As passagens destinadas à mulher são nos textos sobre o “Cotidiano na História”, nos quais sua imagem está ligada à condição de esposa, mãe, dona-de-casa e a virgindade. No texto base à mulher é citada em pequenas passagens, surgindo na condição de operária, ou como artistas da música, televisão e pintura.

A questão sobre cidadania, um dos critérios de avaliação utilizados pelo PNLD, se faz presente em vários momentos da obra de COTRIM, como um exemplo a participação popular, na campanha a favor das eleições diretas.

A Campanha pelas Diretas foi um dos maiores movimentos político-populares da nossa história. Nas ruas, nas praças, multidões entusiasmadas, reunidas em grandes comícios, gritavam o lema já! (COTRIM, 1998:177)

Um ponto bastante positivo que esse livro apresenta é a iconografia, imagem e charges que denunciam, criticam e abrem margem para uma outra leitura a ser feita pelo aluno. Em alguns momentos percebe-se imagem nas quais aparece a mulher, alguns até colocando a mulher como personagem central.

Um outro livro didático da década de 1990 que analiso é *Cultura e Sociedade* de Lucy R. Valentini, Maria Célia P. Vilella e Marlene Ordoñez (1999), o qual tem na capa a aprovação do PNLD, o que indica estar de acordo com as exigências do Programa Nacional do Livro Didático.

Na apresentação da obra as autoras chamam a atenção para a importância de conduzir o aluno a se perceber como agente da História, tornando-se um agente participante.

O livro se divide em vinte e dois capítulos, sendo nove deles sobre a História do Brasil, a partir da República. Além dos conteúdos, apresenta sugestões de leitura e orientação de pesquisa na internet. No final de cada capítulo apresenta variadas propostas de atividades como: de reflexão, compreensão, fixação, em grupo e em outros momentos atividades de pesquisa em mapas, o que permite ao aluno um maior aprofundamento e integração com o assunto estudado e o faz raciocinar e ter uma visão crítica dos fatos. As ilustrações dão margem a um outro tipo de leitura, levando o aluno a fazer uma relação com os textos apresentados.

Observando os capítulos do livro destinados ao Brasil República, observei que alguns capítulos apresentam-se bastante resumidos, alguns trazem charges, músicas e textos complementares, características para uma nova roupagem dentro do ensino de história, com novas possibilidades de reflexão para o aluno.

Mas o livro deixa a desejar quando se trata da mulher, poucas linhas são dedicadas a ela no decorrer dos capítulos. Não aparece uma participação mais direta da mulher na história brasileira no século XX. As conquistas no mercado de trabalho, na política e na sociedade são citadas, embora não aprofundadas.

A história do cotidiano, uma das propostas dos PCNs, é explorada pelas autoras, principalmente através das ilustrações que mostram o cotidiano familiar, o lazer, sempre fazendo comparações com as diferenças sociais no Brasil, aliás, percebe-se a preocupação das escritoras em mostrar com frequência a miséria rural e urbana do Brasil.

Os camponeses foram expulsos do campo, devido à mecanização da agricultura. Desempregados, buscaram a Região Sudeste à procura de trabalho nas fábricas, ou de serviços temporários nas épocas de plantação e colheita. Nas cidades, o povo morava na periferia, sem infra-estrutura de água, luz, sem serviços de educação e saúde. A necessidade de aumentar a renda familiar levou a mulher a trabalhar em fábricas ou em outros serviços fora de casa, sem ter onde deixar os filhos. O número de menores abandonados aumentou. (VALENTINI, VILELA, ORDOÑEZ, 1999:209)

Percebe-se um esforço por parte dos manuais didáticos de 90 aqui analisados em elaborar uma narrativa de acordo com os critérios estabelecidos pelo PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, levando o aluno a dialogar com as diferenças sociais e econômicas da população brasileira, possibilitando o aluno a analisar as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico do país.

Nos livros didáticos da década de 90, já é possível perceber a presença da mulher, embora ainda de forma muito superficial, em pequenas citações ou imagens, mas se formo comparar com os livros analisados da década de 80 há um avanço, não só pela presença da mulher, como também pela elaboração e organização dos textos, atividades e cenas ligadas ao cotidiano.

O cotidiano, a visão dos vencidos, dividem espaço com os conteúdos fundamentais, não só através dos textos, mas também das ilustrações e percebe-se que os manuais didáticos de 90 se distanciam ainda mais da história tradicional.

Sabe-se que o MEC vem fazendo esforços para contribuir, buscando a melhoria dos livros didáticos, diante de reclamações recebidas e manifestações por professores em encontros da ANPUH. E não é fácil a elaboração de um livro didático, pois é necessário o domínio das conquistas didático-pedagógicas e também o conhecimento preciso e atualizado dos conteúdos que são trabalhados.

A História é um processo de compreensão humana das diferentes e múltiplas possibilidades existentes na sociedade, a partir da experiência do presente; portanto, deve possibilitar ao aluno uma compreensão ativa da realidade, condição para o desenvolvimento e a formação da cidadania. (BEZERRA, 1999: 196/197)

### **3. Os livros didáticos de 2000**

Passarei, agora, a discorrer sobre os livros didáticos de História elaborados nos anos 2000.

O primeiro livro didático de 2000 que aqui analiso é *História, Cotidiano e Mentalidades* de Ricardo Dreguer e Eliete Toledo (2000).

O livro traz temas relacionados ao cotidiano e deixa transparecer a preocupação dos autores em mostrar as diferenças sociais existentes no Brasil, onde a realidade social do passado é problematizada e relacionada com o presente. Ele é composto por 16 capítulos, com seis sobre o Brasil. Começam por “A consolidação do Império no Brasil” até “Brasil durante o Regime Militar”; o último capítulo sobre a era da globalização também dedica espaço ao Brasil. Ao final de cada capítulo, tem sempre um texto reflexivo, o qual os autores denominam “Cenas Cotidianas”, mostrando o dia a dia das pessoas nos diferentes níveis sociais de modo que, através das cenas, capítulos possam ser retomados para que o aluno reflita e analise as semelhanças e diferenças existentes nas formas de vestir, morar, alimentar-se, organizar a família e a educação entre os diferentes grupos sociais.

Os tipos de atividades são de reflexão, análise, elaboração de textos; trabalham com a experiência do aluno e sugestão de pesquisa, variados tipos de atividades que levam o aluno a pensar e desenvolver o senso crítico.

O tratamento dos conteúdos colabora para a construção de conceitos fundamentais ao conhecimento histórico – tempo, sujeito histórico, relações sociais, cultura, trabalho, poder e espaço. Em alguns desses pontos percebe-se questões sobre a mulher, que tratam embora de maneira simplificada sobre sua condição de operária, de esposa e mãe, suas dificuldades e conquistas no mercado de trabalho. DREGUER e TOLEDO trabalham muito mais a imagem da mulher das classes alta e média, as passagens em relação à alta sociedade prevalecem, principalmente nos textos relacionados ao cotidiano.

A iconografia trazida nas páginas do livro *História, Cotidiano e Mentalidade*, apresenta questões sociais, movimentos políticos, o cotidiano, charges, ilustrações de mulheres em sua maioria tendo sua imagem ligada a moda e em comerciais de eletrodomésticos.

Um outro livro que escolhi para analisar foi *História por eixos temáticos* de Antônio Pedro e Lizânias de Souza. A organização desse manual rompe com a estrutura e a sequência de conteúdos cristalizados, pois ele é organizado em eixos temáticos, onde cada um dos eixos apresenta uma temática mais abrangente e significativa.

Nesse sentido, esta coleção inverte a relação conteúdos factuais e conceitos. Nos livros didáticos, o tema central é o evento histórico. Os conceitos entram como recurso para explicá-lo e entendê-lo. Nesta coleção o tema central é o conceito. O foco da atenção não é, por exemplo, a Revolução Francesa, mas os conceitos de poder e de revolução, que permitem entender essa e outras revoluções. (TOTA e LIMA, 2002:5)

Cada eixo temático é desenvolvido em um ou mais capítulos, abrange tanto a história em nível de mundo como a história do Brasil e nele se percebe presente a cultura (arte, religião e pensamento), o cotidiano, o poder (dominantes e dominados), família e sexualidade.

Quando se passa a analisar os capítulos e seus eixos temáticos percebe-se que TOTA e LIMA se preocuparam em fazer uma ponte com diferentes povos, momentos e situações históricas, levando o aluno a dialogar através das diversidades, dos problemas e do tempo diante de fatos, situações, avanços e conquistas históricas.

Pude perceber que em vários momentos os autores se preocuparam em mostrar uma ligação entre o poder e a cultura, mostrando a imposição de povos que dominam e tendem

a se fazer prevalecer sobre os dominados não só através da economia, mas também da cultura.

A comunicação e as trocas culturais entre os povos dificilmente se dão em pé de igualdade, mas que, na maioria das vezes, pelos exemplos históricos disponíveis estão permeados por relações de dominação, imposição e exploração. (TOTA e LIMA, 2002:16)

A mulher tem o seu espaço na obra de TOTA e LIMA, principalmente no eixo temático sobre “Família e sexualidade”, onde os autores mostram o modelo familiar dos índios Apinajé, povo que habita o estado de Tocantins, e depois a família da nossa sociedade, permitindo o leitor diferenciar os povos que habitam o Brasil. Mostram também os efeitos da modernização do país na organização familiar. No eixo temático sobre “Trabalho e Técnica”, a mulher também aparece e mais uma vez há uma comparação entre a organização do trabalho na nossa sociedade e em uma tribo indígena, os Araweté, índios brasileiros que habitam a região do Igarapé Ipixuna, no estado do Pará.

A diversidade cultural é muito forte na obra de TOTA e LIMA, os autores procuram sempre dialogar com outras culturas, o que mostra uma ligação com novas tendências da historiografia, fortemente ligada com a História Cultural e o respeito ao diferente.

Em relação às atividades, é comum ver-se questões relacionadas à própria experiência do aluno, espaço para discussão, concordar ou discordar, exemplificar são características das atividades propostas.

Percebe-se que os livros dos anos 90 e 2000, analisados nesse capítulo se aproximam bastante em termos de organização, ou seja, apresentam textos base, complementar, sugestões de atividade com o objetivo de desenvolver o raciocínio e o senso crítico do aluno, abordam questões ligadas à história social, do cotidiano e cultural, principalmente o último livro didático analisado, de TOTA e LIMA. É importante enfatizar as sugestões de outras leituras que esses livros didáticos recentes trazem, mostrando que a história não se resume aquela apresentada nos livros didáticos; é até um incentivo não só para os alunos, mas também aos professores para buscarem novas fontes que só tem a enriquecer a construção do conhecimento histórico em sala de aula através do ensino aprendizagem.

Os livros da década de 80, embora tenham inovado o conteúdo trabalhado, trazendo uma outra realidade brasileira, se aproximando mais dos problemas sociais do Brasil, até

então ocultados pelos manuais didáticos que se viam presos aos ditames da Ditadura, apresentaram textos bastante resumidos e ligados a nomes e datas com atividades-que não exigem do raciocínio e desenvolvimento crítico do aluno.

No que diz respeito à mulher, esta só veio a ter certo destaque a partir dos anos 90, se intensificando nas obras dos anos 2000, muito embora ainda mínima diante da participação da mulher na história, suas lutas e conquistas no meio social, político e profissional. A história nos livros didáticos ainda se mantém muito masculinizada, nenhuma mulher é colocada em destaque. No próximo capítulo, apresentarei as narrativas que esses livros didáticos apresentam sobre a mulher.

## **CAPÍTULO II: O LUGAR DA MULHER NAS NARRATIVAS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO BRASIL.**

Nos anos de 1970, com a explosão do feminismo e com a emergência da história das mentalidades, o estudo sobre as mulheres começa a ganhar espaço nas universidades que se abriram aos grupos de pesquisas destinados a reflexão sobre a temática, incentivaram os trabalhos e as monografias, tudo com o objetivo de mostrar as mulheres no seio de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a opressão, a exploração e a dominação que sofriam.

Vale ressaltar que, em princípio, alguns historiadores resistiram e não analisaram ou escreveram sobre as mulheres de forma muito enfática, apenas reservando-lhes espaços singelos, mesmo assim referindo-se à questão feminista e não a história da mulher.

No primeiro capítulo ao analisar os livros didáticos de 80 a 2000 se percebe que a mulher, ou melhor, a história da mulher pouco ganhou espaço na organização dos conteúdos, em nenhum dos livros analisados foi encontrado um capítulo dedicado à mulher, prevalecendo uma história masculinizada. Daí a indagar-se o porquê de ser bem mais complicado estudar e escrever a história das mulheres?

Assim como houve resistência por parte de alguns historiadores em escrever sobre a mulher, nos livros didáticos não é diferente, percebe-se ainda um preconceito para com o gênero não incluindo a história da mulher como parte do processo de ensino. No texto – O processo de avaliação dos Livros Didáticos – História, o autor afirma que: *“O objetivo central da História é a compreensão dos diferentes processos e sujeitos históricos...”* (BEZERRA, 1999: 196)

A mulher é também um sujeito histórico ainda à espera do seu lugar nos conteúdos didáticos. Fala-se em uma História para formar cidadãos, mas há algumas fronteiras a serem ultrapassadas para que possam trazer outras inovações para o ensino da História e assim formar cidadãos mais conscientes – sem fronteiras.

São inúmeros os exemplos na história que poderiam ilustrar como a produção de uma memória Histórica e de uma memória histórica escolar... que poderiam contribuir para a construção de uma identidade própria, aprofundando o processo de democratização da sociedade brasileira. (SIMAN, 1999:250)

Nesse capítulo me proponho a analisar as narrativas em que aparece a mulher nos livros didáticos de História escritos nas décadas de 80, 90 e 2000.

Os primeiros livros didáticos em que busco o lugar da mulher em suas páginas são da década de 80, entre eles: *História do Povo Brasileiro – Império e República* de Renato Mocellin, 1985. Nesse livro a presença da mulher é quase imperceptível, o primeiro momento em que se percebe a sua presença é no capítulo: “A Era Vargas (Período de 1930 a 1937)”, no tópico “A constituição de 1934”, quando é citado o direito adquirido pela mulher de votar.

Um segundo e último momento é no capítulo “A Revolução Cultural”, em que Anita Malfatti é citada como uma dos destaques na pintura e as irmãs Carmem e Aurora Miranda como importantes destaques da música, ao lado da cantora Elis Regina.

Surgiram verdadeiros monstros sagrados, como as irmãs Carmem e Aurora Miranda e Francisco Alves.

A bossa nova, íntima das boates e apartamentos, passa para fase agressiva e coreógrafa (basta lembrar o gestual da cantora Elis Regina, apresentadora de O fino da Bossa, (o elis-coppero) (MOCELLIN, 1989:125)

São esses os dois únicos momentos da história do Brasil no século XX em que a mulher vai aparecer no livro didático de Mocellin e em nenhum momento surge um questionamento ou discussão sobre a sua condição nesse período histórico.

No livro *História do Brasil da Independência aos dias atuais 1989*, em nenhum momento a mulher, ou o nome de alguma em particular é destacado, o autor José Dantas ao trabalhar a história do Brasil excluiu a mulher; é de surpreender, pois já é um livro mais recente do que o de Renato Mocellin analisado anteriormente.

Embora na década de 80 tenham ocorrido discussões e mudanças a cerca do livro didático, distanciando-se da história heróica, elitista, de um nacionalismo patriótico, procurando-se distanciar da chamada história tradicional como já vimos no capítulo anterior, percebe-se que nas propostas e conteúdos a mulher está ausente; a história ainda se mantém voltada para o homem que aparece como centro de toda a história.

No capítulo anterior ao iniciar a discussão sobre os livros didáticos da década de 1990, se percebeu uma maior exigência em torno desses materiais e a inclusão de novos temas, vejamos como a mulher se fez presente nos livros didáticos de 90.

O primeiro livro didático que analiso é *História e Reflexão* de Gilberto Cotrim, de 1998. Nesse livro a mulher tem sua primeira participação como operária, quando passa a

trabalhar nas fábricas e ajudar no orçamento da família, devido os baixos salários pagos aos operários.

Os operários trabalhavam de segunda a sábado, até 15 horas por dia. Às vezes, eram obrigados a trabalhar também aos domingos. Ganhavam pouquíssimos, o que obrigava marido, mulher e crianças a trabalhar para sustentar a família. (COTRIM, 1998:43)

Embora fale da mulher no mercado de trabalho, não há esclarecimentos sobre suas condições de trabalho.

Mais à frente quando se fala das medidas sanitaristas, mais precisamente sobre “A revolta da vacina”, aponta como um dos motivos da revolta da população, as mulheres, pois acreditava-se que a vacina seria aplicada nas suas partes íntimas. O que mostra o forte pudor da época quando se tratava da mulher, o cuidado de não a expor, de preservá-la. *“Uns diziam que era falta de vergonha obrigar as mulheres a se vacinar, pois pensavam que a vacina só era aplicada nas partes ‘íntimas’ do corpo”*. (COTRIM, 1998:54)

A “Revolta da Vacina” ocorreu em 1904, um dos momentos em que a mulher aparece na obra de COTRIM, depois só irá aparecer em 1934, quando o autor fala da Constituição do Brasil e, conseqüentemente, o direito ao voto adquirido pela mulher em 1934. Ainda em se tratando da Era Vargas, no tópico “Trabalhismo e Populismo”, com a consolidação das Leis do Trabalho (CLT) cita-se a proteção ao trabalho da mulher, apenas cita-se, não há um esclarecimento a esse respeito.

Nas páginas 106 e 107, aparece um texto: “Comportamento da mulher – A Análise das revistas femininas de 1945 a 1964.” O texto tem como foco a mulher no papel de esposa exemplar, a realização feminina estava ligada a um casamento bem sucedido nas décadas de 40/50 e início dos anos 60 e o discurso das revistas femininas da época era aconselhar a mulher a “segurar” o marido, sinônimo de felicidade. Alguns dos itens eram:

Não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas. (Jornal das moças, 1957)

Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve redobrar seu carinho e provas de afeto. (Cláudia, 1962)

Mesmo que um homem consiga divertir-se com sua namorada ou noiva, na verdade ele não irá gostar de ver que ela cedeu. (Querida, 1954)

O lugar de mulher é no lar, o trabalho fora de casa masculiniza. (Querida, 1955)

Observa-se que a mulher anula-se em prol do homem, viver para o lar era discurso da época, bem como manter-se virgem; era mais fácil uma moça virgem casar e como casamento era sinônimo de felicidade, era necessário manter-se diante das regras impostas; a aparência era importante não para a mulher, mas principalmente para o marido. Então tudo era em prol do homem, primeiro agradar ao esposo e depois a si. Percebe-se também a questão do trabalho como algo negativo para o sexo feminino, ligando-se ao masculino, não trabalhar fora e ficar em casa, faria a mulher mais feminina.

Esse texto que aparece no livro de Gilberto Cotrim mostra a condição da mulher nas décadas de 50 e 60 e compara em poucas linhas com a mulher de hoje, através de uma passagem escrita pela historiadora Carla Silva Beozzo Bassanezi, na qual se percebe a mulher independente e preocupada com a carreira profissional.

Segundo ela, há 30 ou 40 anos a realização estava em um casamento bem-sucedido. Atualmente, a preocupação maior é com a realização pessoal, profissional, afetiva e sexual. (COTRIM, 1998:106)

A identidade da mulher nesses artigos de revistas que aparecem no livro didático de Cotrim é da mulher do lar, contrapondo-a com a citação da historiadora Carla Silva Beozzo dá margem para uma discussão em sala de aula, sobre a condição da mulher em diferentes épocas.

Outro texto do Cotidiano na História “A década de 50 – Os anos dourados”, fala sobre a juventude brasileira dos anos 50 e o rock’n’roll. Em um dos parágrafos há referência à questão sexual, para a mulher manter-se virgem até o casamento e a vergonha para a mãe solteira, um tabu que continuava presente em um momento de mudanças no Brasil, a juventude descobrindo a rock’n’roll, os primeiros passos da televisão, as novelas. “*Moças casavam virgens, mães solteiras acabavam expulsas de casa.*” (COTRIM, 1998:112)

No capítulo do livro no qual o autor trata do Governo de João Goulart, surge a mulher da elite, em protesto contra as reformas de Goulart.

Contra o Governo, as classes dominantes organizavam, em várias cidades, as marchas da Família com Deus pela liberdade, que eram passeatas de senhoras da elite católica, autoridades civis e parte da classe média. (COTRIM, 1998:116)

Cotrim também cita artistas que brilhavam em rádio e televisão como Hebe Camargo, Tônia Carrero e Eva Vilma, que foram pioneiras em programas de televisão;

cantoras que faziam sucesso no rádio como Emilinha Borba, Dalva de Oliveira e Ângela Maria, todas foram espelhos para muitas mulheres se libertarem de regras que as “aprisionavam”.

Um segundo livro em que busco em suas páginas a presença da mulher é *Cultura e Sociedade* de Lucy R. Valentin, Maria Célia P. Vilela e Marlene Ordoñez.

Assim como no livro de Gilberto Cotrim, a primeira participação da mulher é como operária e nenhum acréscimo há, além das poucas palavras “Exploração da mão-de-obra feminina”, no capítulo “Brasil: A República Oligárquica”, quando as autoras relatam sobre as lutas operárias.

Os problemas mais frequentes do operariado eram salários baixos, rígido controle por parte dos patrões, péssimas condições de trabalho, jornada de até dezesseis horas, instabilidade no emprego, exploração da mão-de-obra feminina e infantil. (VALENTINI, VILELA e ORDÓÑEZ, 1999:76)

Mais à frente, no capítulo que trata da queda da República Oligárquica e os movimentos ocorridos durante a República, no tópico sobre o Cangaço, é falado sobre a presença da mulher no cangaço, muito embora a sua participação não fique esclarecida. Maria Bonita é citada como filha de um fazendeiro que se tornara mulher de Lampião, o mais famoso dos cangaceiros.

Quando se trata da Era Vargas, mais precisamente da Constituição de 1934, cita-se o direito adquirido pela mulher de votar, acrescenta-se também o direito de ser votada e a primeira mulher eleita para deputada federal, Carlota Pereira de Queiroz.

Pela primeira vez na história do Brasil, a mulher conquista o direito de votar e ser votada. Na eleição de 1934, uma mulher, Carlota Pereira de Queiroz, foi eleita deputada federal constituinte. (VALENTINI, VILELA, ORDÓÑEZ, 1999:116)

No que diz respeito às leis trabalhistas em relação à mulher, apenas fala sobre a licença maternidade, direito por ela adquirido no governo de Getúlio Vargas.

Ainda nesse capítulo, uma mulher em particular é citada, Olga Benário, embora não sendo brasileira, deixou sua marca na história do Brasil quando se tornou mulher de Luiz Carlos Prestes (chefe do partido Comunista Brasileiro) e uniu-se a ele e aos comunistas brasileiros em um movimento contra o Estado autoritário; Olga veio da Alemanha com um forte ideal comunista.

Vários momentos da história do Brasil são trabalhados nas páginas que seguem, mas em nenhum momento a mulher volta a aparecer no texto escrito, sua presença vai se resumir em poucas ilustrações apresentadas no livro, reaparecendo a partir do momento em que autoras vão tratar dos problemas sociais do Brasil, na década de 90. Há um momento em que é mostrada a discriminação para com os negros e as mulheres, que recebem salários mais baixos e enfrentam dificuldades em arranjar emprego. Momento em que percebe-se que a mulher na década de 90 ainda é inferiorizada e discriminada no mercado de trabalho quando comparada ao homem; a mulher negra sofre bem por ser negra e mulher.

Além disso, no mercado de trabalho, as mulheres e os negros são discriminados, recebendo salários mais baixos e tendo maior dificuldade em arranjar emprego. O homem recebe, em média, o dobro do salário da mulher; ... e a mulher branca, o dobro da negra. (VALENTINI, VILELA, ORDÓÑEZ, 1999:249)

No último capítulo, “Cultura Brasileira no século XX”, a primeira mulher a ser lembrada é Chiquinha Gonzaga, como uma importante compositora no início do século XX, momento em que a mulher sofria fortes proibições, recebendo uma educação ainda muito dentro daquela recebida pelas mulheres no século XIX, voltada para o lar, Chiquinha Gonzaga vence os preconceitos da época, mas esses pontos não são tratados no texto, limitando-se apenas a citá-la como compositora.

Quando passa a tratar da década de 60, a cantora Vanderlea é citada como participante da Jovem Guarda, ao lado de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. A cantora Gal Costa aparece como participante do movimento “Tropicália” ao lado de Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Artistas femininas citadas no livro didático de Gilberto Cotrim não aparecem no das autoras Lucy R. Valentini, Maria Célia P. Vilela e Marlene Ordoñez e esse livro não traz as artistas que se fizeram presente no livro de Cotrim, mas em ambos ficou registrado a forte presença da mulher na cultura brasileira.

Nos livros didáticos de 90, aqui analisados, se percebe a presença da mulher ainda de forma tímida, mas com passagem importantes em alguns momentos, principalmente em relação a nomes de mulheres como: Olga Benário, Maria Bonita, Carlota Queiroz, Chiquinha Gonzaga e tantas outras que superaram as amarras impostas pela sociedade, muito embora os textos não trabalhem a história dessas mulheres.

Abro um parêntese também para o momento em que os livros destacam a condição da mulher como do lar, principalmente em Gilberto Cotrim, quando ele discorre sobre o casamento para mulher no início e meados do século XX e a importância dada por ela para se mostrar perfeita na condição de mãe, esposa e dona de casa. O autor também mostra a mulher atual que busca priorizar a profissão, não vendo mais o casamento como uma realização ou sinônimo de felicidade.

Uma das passagens importantes sobre a mulher nos livros didáticos de 90 é quando é mostrado pelas autoras VALENTINI, VILELA e ORDÓÑEZ, a mulher inferiorizada no mercado de trabalho que recebe menos que os homens, uma realidade que ainda se faz presente no século XXI e mostra mais um obstáculo a ser vencido pela mulher.

Passarei agora a trabalhar os livros didáticos da década de 2000, procurando observar se houve ou não mudança no discurso sobre a mulher em relação aos livros das duas décadas anteriores.

*História, Cotidiano e Mentalidades* dos autores Ricardo Dreguer e Eliete Toledo, 2000, é o primeiro a ser analisado sobre a presença da mulher a partir do século XX na história do Brasil.

O primeiro lugar da obra em que a mulher aparece na história do Brasil no século XX é em *Cenas Cotidianas*, que traz a apresentação de dois textos: “Resistindo ao controle e Luxo e isolamento”, nos quais se percebe a rotina das diferentes classes sociais nos anos 20. No primeiro as famílias dos operários que moravam em cortiços, comiam e moravam mal, homens e mulheres saíam para trabalhar. O texto no geral fala das más condições de trabalho e moradia dos operários, sem diferenciar homens e mulheres.

No segundo texto “Luxo e isolamento”, mostra a rotina das famílias ricas, mostrando o luxo e a ostentação em que viviam. As mulheres davam ordem aos empregados, preocupavam-se com a moda e em receber parentes e amigos sempre com requinte.

As mulheres permaneciam em casa: folheavam figurinos da moda... No final da manhã, as senhoras se preparavam para receber o marido para a refeição. Era costume entre as pessoas ricas se arrumarem especialmente para o almoço. (DREGUER e TOLEDO, 2000:127)

Percebe-se a preocupação dos autores, através dos textos que retratam o cotidiano, em mostrarem os diferentes modos de vida entre operários e industriais e permite verificar a mulher operária e a dama da alta sociedade, ambas com um abismo separando-as. Ao ler

sobre a mulher rica nota-se a preocupação com a aparência para receber o marido, ou seja, bem dentro do que já foi mostrado no livro de Cotrim, o agradar ao marido como principal papel da mulher.

Em um outro momento, ainda se tratando desse texto, nota-se uma outra função da mulher da elite, a de ajudar nas quermesses da igreja. *“Por volta das 15 horas elas recebiam as amigas para o chá. Conversavam, fazendo tricô ou crochê para a quermesse da igreja.”* (DREGUER/TOELO, 2000: 127)

Uma família religiosa era bem vista pela sociedade e a mulher era o membro da família que se dispunha a ajudar nos eventos da igreja. As famílias mais ricas também contribuíam com boas quantias em dinheiro para reformas e trabalhos da igreja, ganhando assim a afeição dos padres, os quais estavam sempre disponíveis e priorizavam os membros dessas famílias.

Um outro momento em que surge a mulher é em mais um texto *Cenas Cotidianas – “Melhorando o padrão de vida”*, no qual a mulher da elite é o destaque, o discurso é o mesmo do anterior, com o acréscimo das novidades da época como radionovela, que era acompanhada pela maioria das famílias. O texto também fala das atividades diárias da mulher da classe média, que ajudava a empregada, orientava as atividades escolares das crianças e ia às compras e, assim, como as mulheres da classe alta, procurava estar sempre em dia com a moda.

Mais adiante em um texto *“Cotidiano e controle”*, fala do cotidiano dos trabalhadores que não moravam mais em cortiços e sim em bairros afastados da cidade. Em relação às mulheres cuidavam da casa e dos filhos, quando não trabalhavam fora e muitas dividiam as atividades domésticas como costureiras e lavadeiras. Havia nas fábricas cursos de corte, costura e bordados para as esposas ou filhas de funcionários.

As mulheres, quando não trabalhavam fora, cuidavam da casa e dos filhos; muitas vezes, complementavam a renda como faxineiras, lavadeiras ou costureiras. (DREGUER e TOLEDO, 2000:156)

Vale lembrar que os cursos de corte, costura e bordados, atividades que faziam parte da educação da mulher, eram requisitos para uma boa dona de casa; as moças ricas aprendiam alguns desses ofícios. O texto fala que esses cursos foram abertos para mulher da classe baixa que os frequentavam mais por necessidade, como uma profissão a ser adquirida para aumentar a renda da família.

Há um momento no capítulo sobre a Era Vargas que mostra como o crescimento industrial trouxe uma ampliação para o mercado de trabalho não só masculino, mas também feminino e que muitas mulheres da classe média ingressaram no mercado de trabalho como professoras, enfermeiras, datilógrafas, tendo o seu salário contribuído para aumentar o padrão de vida dessas famílias.

Quando os autores começam a trabalhar o governo de JK, mais uma vez a mulher irá estar presente no texto “Cenas Cotidianas”, o primeiro é “Acesso à Modernidade”, tendo como foco as novidades em eletrodomésticos que facilitaram a vida da dona de casa e dos aparelhos de TV lançados no início da década de 50, que eram acessíveis a uma minoria. *“A rotina das donas de casa foi facilitada pela entrada dos eletrodomésticos: geladeira, máquina de lavar roupas, liquidificadores...”* (DREGUER/TOLEDO, 2000: 197)

No capítulo sobre a “Ditadura Militar”, assim como nos capítulos anteriores, a mulher não é destaque no texto base, mas nos textos sobre o cotidiano e o sentido é o mesmo dos anteriores, o que muda são as novidades do mercado. A mulher em casa, cuidando dos filhos, dando ordens aos empregados, fazendo compras, continua presente, não há acréscimo sobre o papel da mulher, prevalece a mulher do lar.

Quando fala da esposa do operário, em comparação com os textos trabalhados anteriormente, essa é mostrada com algumas melhorias domésticas, as quais na década de 50 só favoreciam a um pequeno grupo, agora em fins dos anos 60 já era acessível a muitos. Algumas mulheres de operários deixaram de trabalhar fora por terem um salário inferior ao dos homens, passagens que mostram uma melhoria para a classe operária.

Algumas mulheres de operários trabalhavam fora, mas, como o salário feminino geralmente era inferior ao do homem, a maioria ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Para tanto, contavam com alguns aparelhos domésticos, como geladeira, liquidificador e enceradeira. (DREGUER e TOLEDO, 2000: 229)

A participação da mulher nesse livro didático termina mostrando a mulher executiva, quando os autores trabalham “A Era da Globalização”. Em um primeiro momento é mostrado a mulher com cargos importantes na indústria. *“Na empresa, o diretor ou diretora chama a secretária executiva à sua sala...”* (DREGUER e TOLEDO, 2000:241)

A mulher alcança definitivamente o seu lugar no mercado de trabalho, deixando de lado aquela imagem que permaneceu por décadas e décadas e se fez tão presente nas páginas desse livro, que foi a mulher como dona de casa.

Em um segundo momento a imagem da miséria que leva mulheres a se prostituírem e pedir esmolas para alimentar seus filhos, o retrato de um país que tem grandes diferenças sociais. *“No caso das meninas, uma das alternativas que se apresentam é a prostituição.”* (DREGUER e TOLEDO, 2000:243)

Os autores se preocuparam em apresentar um diálogo a partir dos contrastes que se fizeram e se fazem presentes no nosso país, mostra a mulher em diferentes níveis e condições sociais.

O segundo livro didático dos anos 2000 é *História por Eixos Temáticos*, de Antônio Pedro Tota e Lizânias de Souza Lima, o ano é 2002.

Através desse livro é possível perceber a mulher brasileira em diferentes realidades e culturas. No eixo temático: “Trabalho e técnica”, os autores trabalham diferentes momentos e técnicas referentes ao trabalho, seja ele manual ou industrial. Quando se fala da divisão do trabalho em uma aldeia indígena brasileira, a dos índios Araweté que habitam o estado do Pará, o trabalho da mulher é ajudar na pesca, passa boa parte do tempo fiando, tecendo e ajuda a colher os produtos plantados pelos homens.

Ainda no mesmo eixo temático, quando fala das indústrias no Brasil na Era Vargas, verifica-se a participação da mulher urbana que trabalha nas fábricas como operária. *“A implantação da jornada de oito horas e a regulamentação do trabalho feminino encontram menos resistência por parte dos patrões.”* (TOTA e LIMA, 2002:90)

Em se tratando de Brasil, a mulher só voltará a surgir a partir da página 235 em “Família e Sexualidade”, nesse eixo temático apresenta-se o modelo burguês da família, no qual a mulher tem um papel de mãe e esposa dedicada aos afazeres domésticos, é preciso ser recatada, cuidar das filhas e acatar as decisões do marido.

Espera-se que cuide da educação dos filhos e se dedique aos afazeres domésticos. Recato e fidelidade caracterizam essa esposa e mãe ideal... Cuidar da moral das filhas é outra atribuição da mãe... O marido trabalha fora cabendo a ele decidir sobre tudo o que se refere aos filhos e a mulher. (TOTA e LIMA, 2002, 236)

Mais à frente, os autores mostram a crise no modelo dessa família tradicional, devido às transformações ocorridas na sociedade que se refletiam na família. Valores que fortemente legitimavam a família passaram a ser questionados. Na sociedade

contemporânea surge uma outra mulher, outros valores, o feminismo, a liberação sexual, a mulher no mercado de trabalho são alguns fatores que contribuíram para a crise do modelo familiar descrito anteriormente.

A mulher não será apenas mãe e esposa, ou educada para tal, mas será atuante na sociedade, nas universidades, no mercado de trabalho. A realização feminina não será o casamento, mas o profissional, a vida sexual, se afastando das regras que as prendiam.

Nesse mesmo eixo temático será mostrado o modelo familiar dos índios Apinajé, que habitam o estado de Tocantins, o que nos permite ampliar o nosso conceito de família. Nessa aldeia a casa pertence à mulher, quando a filha casa continua morando na casa dos pais ao lado do marido, ela continuará trabalhando na roça dos pais até que o seu marido possa adquirir sua própria roça e, futuramente, construir uma casa para a esposa.

Nessa aldeia foi registrada a existência de moças que optavam por uma vida independente e mantinham relações com vários homens da aldeia e continuavam na casa dos pais, os homens davam presentes a essas mulheres que eram entregues aos pais.

O antropólogo Nimuendaju registrou na década de 1930, a existência de algumas moças que optavam por uma vida independente. Por não se casarem, elas mantinham relações com vários homens da aldeia, continuando a habitar a casa materna. (TOTA e LIMA, 2002:243)

Duas realidades diferentes em um mesmo país e percebe-se que a mulher da tribo Apinajé pode escolher casar ou não, algumas optando por parceiros sexuais em troca de presentes, permanecendo na casa dos pais, os quais não colocavam nenhum empecilho à escolha. Na nossa sociedade isso se chama prostituir-se e enfrentar, por isso, preconceitos, sendo quase impossível um pai ou mãe aceitar tal atitude por parte das filhas.

Aliás, a questão sexual sempre foi um forte tabu para as mulheres e esse assunto surge em outras passagens do livro. Para o homem, todas as relações sexuais eram possíveis, enquanto para a mulher a castidade devia ser preservada de maneira absoluta até casar-se, a virgindade era um requisito fundamental para os casamentos nas classes altas, que uniam as fortunas.

Mais à frente quando se trata de argumentos religiosos, os autores a mostram como uma detentora de regras, principalmente em relação a sexualidade feminina, sexo = pecado, com o discurso de que a mulher que “errou” foi vítima da sedução, mas podia redimir-se para levar uma vida digna.

A mulher, considerada um ser frágil e passivo, seria uma vítima da sedução, precisando de proteção e de uma oportunidade para se redimir e levar uma vida digna. (TOTA e LIMA, 2002:258)

Nesse livro didático, a presença da mulher se mostra ligada a família e a sexualidade e os autores se preocuparam em trabalhar duas culturas no Brasil a indígena e a da nossa sociedade, o que permite uma comparação entre as duas realidades e abre espaço para um diálogo enriquecedor em sala de aula, envolvendo cultura, educação e religião.

Os livros didáticos de história de 2000 não se diferenciam muito dos analisados da década de 90. Percebe-se que a mulher operária, a prostituta, a dona de casa, a executiva, a mulher das classes altas, médias e baixas apareceram nos livros década de 90 e 2000, mesmo que em pequenas passagens, já que é um avanço dentro dos discursos dos livros didáticos.

A inserção da mulher do lar no convívio social foi tida, aqui no Brasil, como um grande sinal de dissolução dos costumes, uma verdadeira desagregação social, onde a moral e os bons costumes estavam desaparecendo em meio a tanta violação das tradições socialmente conhecidas e definidas como sendo as mais viáveis, acirrando-se assim, as controvérsias que permeavam os pensamentos e os discursos de meados do século XX.

Admite-se, hoje, que as mulheres conseguiram muitos espaços antes inexistentes ou proibidos para elas; que conquistaram muitos cargos importantes. Destaca-se a mulher brasileira, especificamente, a doméstica com suas lutas e resistências ao longo dos anos, que conseguiu grandes e significativos avanços no sentido de se impor e se fazer existir enquanto parte integrante da sociedade. Com o movimento feminista, a mulher obteve a possibilidade de “estar presente” e intervir no que compete às profissões, à vida social, às instituições, aos sindicatos, ruas, praças, bares, etc.

Vale ressaltar que a mulher ao entrar no mercado de trabalho, não se livrou totalmente do trabalho doméstico, conciliando-o com a sua profissão. *“A obrigatoriedade de conciliar o privado com o público é a mais eminente tarefa, a qual esta mulher está submetida”*. (MASSI, 1992:54)

Com o desenvolvimento da sociedade capitalista, baseada num consumismo desenfreado, em meio a tantas despesas, e obrigações de ordem financeira, aumenta a necessidade de a mulher adentrar no mercado de trabalho a fim de dividirem as obrigações financeiras com os homens.

Na sociedade contemporânea nas mais diversas camadas sociais, há a mulher que trabalha, é realizada como pessoa, satisfeita na vida sexual e busca o que gosta de forma

prazerosa, mas há a situação de mulheres em que ainda vivem presas a condição dos costumes passados, pois muitas pessoas vêem a mulher como sendo um elemento que deve ser policiado, guardado moralmente e que seu trabalho ainda é cuidar da casa, marido e filho.

Foram muitas as conquistas da mulher, e os preconceitos por ela derrubados e ainda há outros para sem vencidos.

A própria história da mulher sofreu resistência por parte de intelectuais, acadêmicos e historiadoras. Hoje, felizmente, isso está mudando e a mulher já conseguiu um espaço mais significativo e sua história vêm emergindo em monografias, revistas, romances, biografias. Percebe-se um interesse maior em relação a estudos, pesquisas e debates sobre a mulher. Em relação aos livros didáticos, esses ainda apresentam em suas páginas a figura feminina nas entrelinhas da História, prevalecendo uma história política, econômica e social com um maior destaque para a figura masculina.

Assim, como vem ocorrendo mudanças nos manuais fica-se a espera que a mulher e sua história passe a ser um dos personagens centrais nos materiais didáticos, que a figura feminina nas sociedades e em distintas épocas possa fazer parte dos conteúdos escolares.

### **CAPÍTULO III: A MULHER NA ICONOGRAFIA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL.**

Neste último capítulo busco analisar como a mulher está sendo representada no material iconográfico nos livros didáticos de História do Brasil dos anos 80 a 2000.

A idéia de trabalhar com fontes históricas não escritas não é algo recente, vários pesquisadores vem há um bom tempo recorrendo a outros tipos de documentos que ultrapassam os limites da escrita. A fotografia é um exemplo de fonte que é explorada pelo profissional de história, também capaz de fornecer as informações sobre os fatos.

Podemos tratar as imagens fotográficas como documentos e, na senda aberta por Jacques Le Goff, também como monumentos, na medida em que essas imagens são os resultados direto do esforço de sociedades históricas para imporem-se ao futuro, voluntário ou involuntariamente... Desde o seu surgimento em 1839, a fotografia impôs uma nova maneira de representar o mundo, fazendo desencadear um apaixonado debate sobre a sua realidade. (CABRAL FILHO, pág. 02)

Contudo, deve-se salientar que as concepções acerca do realismo expresso nas imagens fotográficas tomaram outras dimensões, nos alertando que as imagens fotográficas não devem ser tomadas como uma expressão fiel da realidade.

Apesar do amplo potencial de informação contidas na imagem, ela não substitui a realidade tal como se deu no passado. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real, selecionado e "organizado" esteticamente e ideologicamente. (KOSSOY, 1996:78)

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa, deve levar em consideração que a imagem impressa no papel não se confunde com a realidade. A foto por ser um recorte particular da realidade, representa apenas o congelamento de um momento. Deve-se salientar que o uso da imagem não é algo desinteressado, muitas vezes a gravura aparece com a intenção de reforçar uma idéia ou dar sentido (s) a um episódio.

Se, para a ideologia fotográfica, a imagem que ela produz implica num "congelamento" do tempo, a sua contrapartida, as leituras que podem ser feitas dessas imagens a partir dos decodificadores a ela agregados (que podem ser significados das expressões de um rosto aos elementos simbólicos do vestuário e da circunstância da fotografia), permite o seu "descongelamento"... É a operação imaginativa, portanto, que ao remeter a imagem fotográfica para o âmbito da história, da cultura e das relações sociais lhe atribui significados que descongela, que a faz pulsar. (CABRAL FILHO; 4/5)

Os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, tem uma proposta de trabalho com documentos, entre eles o uso da fotografia por permitir importantes reflexões e comparações de diferentes épocas e que traz uma leitura tão importante quanto a de um texto escrito. Fotografias sejam elas dos livros didáticos, revistas, jornais ou de outras fontes, podem enriquecer o trabalho em sala de aula.

É importante lembrar quando se trata do livro didático, observar os sentidos dos materiais iconográficos ali apresentados, ou seja, perceber se apenas ilustram o conteúdo apresentado, se dialoga com o texto escrito, ou que tipo de identidade vem sendo fortalecido através das imagens.

As reflexões sobre a linguagem fotográfica são importantes de serem consideradas em relação a outras fontes documentais, quando se fala na organização de situações didáticas com conteúdos históricos escolares. (PCNs, 1997:80)

Muitas vezes as ilustrações desempenham um papel fundamental na construção de valores transmitidos pelos didáticos. Neste sentido, procurarei analisar como são utilizadas as imagens iconográficas apresentadas nos livros didáticos de História, quando se referem à mulher. Procurando perceber se há relação entre o texto e a imagem, se apenas ilustra o conteúdo apresentado ou que identidade vem sendo construída ou fortalecida em relação à mulher nos materiais didáticos dos anos 1980, 1990 e 2000.

Passarei agora a analisar as imagens sobre a mulher contidas nos livros didáticos escolhidos para desenvolver minha monografia.

O primeiro livro que analiso é *História do povo brasileiro – Império e República* de Renato Mocellin. É um livro que apresenta ilustrações em preto e branco e outras coloridas.

A maioria das imagens procura destacar famosos personagens da política nacional e entre eles há apenas uma imagem com a presença da mulher, A gravura é em preto e branco, onde aparece João Goulart e sua esposa (ver anexo – imagem 01). Ilustração de um comício político, a imagem da mulher simbolizando a família, ela participando ao lado do esposo dos eventos políticos, a mulher em seu papel de esposa e companheira que está sempre ao lado do marido. Ainda hoje os políticos tendem a apresentar essa imagem ligada à família procurando apresentar-se em eventos políticos principalmente em período eleitoral ao lado da esposa. A gravura mostra uma relação com o texto escrito, por mostrar a

imagem de um comício, em que Jango anunciou as metas do seu governo e o texto relata esse episódio.

O livro *História do Brasil – Da Independência aos dias atuais* de José Dantas, apresenta suas ilustrações coloridas e algumas em preto e branco.

Em um dos momentos que surge ilustrações com a mulher, ela aparece em adoração à imagem de Padre Cícero (ver anexo – imagem 02). A gravura não tem a ver com o texto escrito, o qual fala do governo de Hermes da Fonseca e de revoltas ocorridas no seu governo e cita Padre Cícero como chefe de uma Revolta no Juazeiro, enquanto a imagem está ligada à religiosidade, Padre Cícero sendo adorado por mulheres e crianças, ocultando assim a imagem de homem e líder político do Ceará, prevalecendo o padre santo. E a mulher pode estar representando a fé.

Uma segunda imagem que DANTAS apresenta é sobre um movimento de artistas em prol das eleições diretas, na ilustração homens e mulheres juntos em comício exigindo eleições (ver anexo – imagem 03), é a imagem da mulher na política brasileira. A gravura dialoga com o texto escrito, pois discute exatamente os movimentos para por um fim ao Regime Militar. Mais adiante quando o autor discute sobre miséria, símbolo do fracasso econômico dos governos dos pós – 1964, aparece uma outra ilustração mostrando saques em São Paulo e nela mulheres juntando mercadorias nas ruas (ver anexo – imagem 04). São imagens que mostram mulheres participando de movimentos políticos e protestos no Brasil, em uma época de Ditadura.

Nos livros didáticos de História da década de 80, a mulher pouco se fez presente na iconografia, principalmente no livro de MOCELLIN no qual se percebeu apenas uma ilustração com a presença da mulher; no livro de DANTAS fica mais perceptível a participação da mulher nas imagens relacionadas à Ditadura Militar, onde se percebe uma participação ativa da mulher brasileira.

O livro *História e Reflexão* de Gilberto Cotrim (1998) mostra a primeira ilustração sobre a mulher em uma publicidade de produtos de beleza (ver anexo – imagem 05), uma mulher sensual ao lado de um homem, envolta de flores e ao lado de produtos de beleza Cashmere Bouquet. COTRIM utiliza-se dessa imagem no momento em que através do texto Cotidiano na História relata a importância da mulher em estar bonita e perfumada para manter o casamento, numa época em que a realização feminina estava ligada ao casamento.

Em um outro texto sobre o Cotidiano na História, há uma ilustração que mostra jovens dançando rock'n roll (ver anexo – imagem 06), as moças usavam saias rodadas e se

divertiam ao som do rock, indiretamente a imagem tem a ver com o texto que relata as transformações e novidades ocorridas na década de 50 e entre elas estava o rock.

Uma terceira imagem utilizada por Cotrim aparece no capítulo que fala do governo de João Goulart e nos movimentos das classes dominantes contra o seu governo. A ilustração apresenta um grupo de mulheres da elite e da classe média segurando uma faixa que diz DEUS É A VERDADE DEMOCRACIA É LIBERDADE (ver anexo – imagem 07). A imagem tem tudo a ver com o texto escrito que fala de senhoras da elite católica e autoridades que fizeram marchas contra as reformas de Goulart, era a CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia. Momento em que Cotrim mostra a participação da mulher em movimentos políticos, em defesa das classes alta e média a que pertenciam, sentindo-se lesadas com o governo de João Goulart.

A quarta e última imagem é a uma gravura sobre o governo Sarney, mostra mulheres e homens fazendo compras com semblantes de alegria para aproveitar o congelamento de preços (ver anexo – imagem 08). A ilustração tem uma ligação com o texto escrito, pois ao discutir sobre o plano cruzado, relata o apoio da população e fiscalização da mesma contra as remarcações de preços.

As imagens sobre a mulher apresentadas no livro de COTRIM mostram a mulher em diferentes momentos e situações. A mulher que tinha sua imagem ligada à publicidade em comerciais de produtos de beleza; as jovens dos anos 50 que se divertiam com as novidades na música e acompanhavam ao lado dos rapazes o novo ritmo, percebe-se uma intenção do autor em mostrar que a mulher nos anos 50 passa a se expor mais. A mulher apresentada na iconografia do livro de COTRIM, também atua em movimentos políticos no país, quando se mostra a favor ou contra as mudanças em diferentes momentos históricos.

Outro livro da década de 90 que passo a analisar é *Cultura e Sociedade*, das autoras Lucy R. Valentini, Maria Célia Vilela e Marlene Ordoñez.

A primeira imagem da mulher é em preto e branco e mostra três mulheres trabalhando em um ambiente que lembra um escritório (ver anexo – imagem 09), abaixo da imagem é citada Carlota Pereira de Queiroz, eleita deputada federal, talvez uma das mulheres que aparece na ilustração. A gravura ilustra um texto que discute a constituição de 1934 e o direito adquirido pela mulher de votar e ser votada.

No texto que relata a morte de Getúlio Vargas e conseqüentemente a comoção popular, tem uma ilustração em preto e branco que mostra a tristeza do povo e as lágrimas de uma mulher e uma menina (ver anexo – imagem 10) que choram a morte de Vargas. As

lágrimas são femininas, já os homens da imagem demonstram tristeza, nenhum aparece chorando (o sexo forte não chora), a mulher é o destaque na imagem, talvez para mostrar a comoção popular.

Uma das ilustrações que chamou a minha atenção, também em preto e branco, é uma em que aparecem mãos, uma mão feminina e de cor branca e outra masculina e negra (ver anexo – imagem 11). A mão branca e feminina liga a imagem da mulher a de professora, uma das primeiras profissões femininas, e a mão negra representa o pobre analfabeto. A imagem é utilizada pelas autoras em um texto que fala do governo de João Goulart e do método Paulo Freire adotado na alfabetização de adultos.

A penúltima imagem a ser analisada vem mostrar a pobreza de famílias nordestinas em 1978, na Ditadura Militar. A gravura em preto e branco apresenta uma senhora, jovem e crianças pedindo nas estradas (ver anexo – imagem 12).

A última imagem que apresento também mostra pobreza, uma família se alimentando mal (ver anexo – imagem 13), a gravura é apresentada como o “Natal de uma família no Vale do Jequitinhonha” e dialoga com o texto que fala dos problemas do Brasil e a concentração de renda, mostrando um salário mínimo de R\$ 136,00 em 1999.

A imagem apresentada sobre a pobreza em 1978, dialoga perfeitamente com a de 1999, mostrando que o cenário político mudou, mas a miséria é a mesma.

Esse último livro da década de 90 apresenta imagens que tem a ver com o conteúdo trabalhado no texto escrito e representa a imagem feminina na vida política, no trabalho e na pobreza, entre elas o momento em que a mulher se faz participante ativa na política brasileira. Percebe-se também uma das mais fortes identidades que acompanham a mulher, a de mãe, em três ilustrações ela aparece ao lado de crianças e adolescentes.

No material iconográfico apresentado nos livros didáticos de História da década de 90, as imagens não aparecem como ilustrações, mas com o propósito de dialogar com o texto escrito e também consegue fornecer informações sobre os fatos, o que permite o professor explorar com seus alunos as imagens. Há a iconografia nos livros didáticos de 80 são mais simplórios e funcionam mais como uma ilustração dos temas.

Passo, agora, a comentar como a mulher é representada no material iconográfico dos livros didáticos de 2000.

*História, Cotidiano e Mentalidades* de Ricardo Dreguer e Elite Toletto é o livro de 2000 que busco a presença da mulher na História do Brasil a partir do século XX.

O primeiro momento em que surge a mulher presente nas imagens é no capítulo “O Brasil do café-com-leite” uma ilustração em preto e branco que mostra o interior de uma

fábrica, mais precisamente da fiação Matarazzo (ver anexo – imagem 14), ilustrando o texto Trabalhadores Urbanos, essa imagem explora a mulher como operária. É possível observar através da gravura que o operariado neste fábrica é formado apenas por mulheres.

Um outro momento em que a mulher aparece em ilustrações é mostrando modelos femininos usados na década de 30 (ver anexo – imagem 15). A gravura está ligada com o texto escrito que discute sobre o padrão de vida das mulheres das classes alta e média, da importância da aparência e em estar sempre na moda. Quando se trata dos anos 30, aparece a mulher apresentando propagandas e eletrodomésticos na TV (ver anexo – imagem 16), ilustrando um texto que fala da modernidade e as novidades que facilitam a vida da dona de casa. Momento em que os autores relacionam através da imagem, a mulher como senhora do lar.

Quando o livro passa a trabalhar o capítulo sobre a Ditadura Militar, mais uma vez surge a imagem da mulher ligada à classe média. Na gravura aparece uma família feliz em um anúncio publicitário de leite Ninho (ver anexo – imagem 17), essa imagem é utilizada para um texto que discute a melhoria na condição da família de classe média durante a Ditadura Militar com o crescimento econômico, enquanto a miséria atingia a população do campo e os assalariados, mas a imagem explora apenas a família de classe média idealizada para a propaganda de um produto alimentício.

Uma última imagem que aqui analiso, mostra duas mulheres e quatro homens representando executivos em reuniões (ver anexo – imagem 18), a mulher exercendo importantes cargos em empresas. O texto escrito fala sobre o cotidiano dos diretores e diretoras de empresas; mais adiante uma outra realidade, a da miséria, o dia a dia da população pobre, embora o texto sobre cenas do cotidiano discuta duas realidades diferentes no Brasil, só explora a imagem visual da classe privilegiada.

O livro de DREGUER e TOLEDO em seu material iconográfico tende a explorar a imagem da mulher ligada as classes média e alta, mostrando a mulher com a moda, em comerciais de eletrodomésticos e produtos alimentícios, deixando prevalecer a imagem da mulher ligada ao lar e a família. Em apenas uma imagem é que se faz perceber a classe baixa, através da mulher operária ocupando o mercado de trabalho. Enquanto os textos escritos discutiam as diferenças sociais no Brasil, em sua maioria mostrado em texto sobre Cenas do Cotidiano, suas ilustrações não mostraram essas diferenças, faltando a realidade visual da pobreza, já no livro didático *Cultura e Sociedade* da década de 90, que foi analisado anteriormente a pobreza também se fez presente nas ilustrações.

O último livro didático que analiso o material iconográfico é *História por eixos temáticos* de Antônio Pedro e Lizânia de Souza Lima.

A primeira gravura em que se observa a presença da mulher é no eixo temático Trabalho e Técnica. É uma imagem em preto e branco com inúmeras pessoas, na verdade um grupo de grevistas que paralisou São Paulo em 1917 e na foto percebe-se um grande número de mulheres (ver anexo – imagem 19). A gravura é uma das que ilustra o tópico “A reação dos trabalhadores urbanos” que discute os movimentos grevistas ocorridos no Brasil, inspirados na Revolução que ocorria na Rússia. Esse movimento ocorrido em São Paulo era contra o aumento de preços dos gêneros de primeira necessidade e as mulheres dele participaram.

No eixo temático “Arte, Religião e Pensamento”, os autores por trabalharem com diferentes culturas apresentam uma ilustração na qual aparecem índios e entre eles uma índia participando de um ritual (ver anexo – imagem 20). A imagem mostra o ritual de purificação pelo qual as índias passavam após darem a luz a uma criança, a imagem dialoga com o texto que descreve a cultura indígena.

Uma outra imagem que analiso está em preto e branco, apresenta homens, crianças e jovens, entre eles um grupo de moças (ver anexo – imagem 21). A gravura ilustra a Guerra do Contestado e em especial o momento em que o texto escrito fala do monge José Maria e seus seguidores. As jovens moças que aparecem na ilustração são as virgens que tinham um importante papel para o momento das rezas, pois José Maria era um líder religioso popular e a luta dos que seguiam tinha um conteúdo religioso muito forte.

As duas últimas imagens fazem parte do eixo temático “Vida e Cotidiano” e são apresentadas duas gravuras, a primeira homens e mulheres em uma parada de ônibus (ver anexo – imagem 22) e a segunda mostra o maracatu em Recife (ver anexo – imagem 23), ambas representam o cotidiano e procuram mostrar o trabalho e a festa, o cotidiano ligado ao trabalho, as obrigações do dia a dia representada pela imagem das pessoas a espera do ônibus. Ao lado das necessidades diárias vem o desejo de romper com a repetição, que é o lazer, que está sendo representado pela ilustração que mostra o maracatu imagem da diversão, descontração e alegria. O texto escrito discute exatamente a vida cotidiana ligada ao desejo e a obrigação, a racionalidade e a irracionalidade, existentes em homens e mulheres.

As imagens apresentadas por TOTA e LIMA mostram a mulher participando de movimentos grevistas em um momento da história (1917) em que ela ainda passava por fortes restrições sociais e procurava aos poucos se libertar das amarras que as prendiam

mostrando participação em movimentos grevistas. A mulher também tem sua imagem na religião, surge na cultura indígena participando de rituais e a mulher virgem sendo uma condição para as orações e cultos do monge José Maria, momentos em que se percebe o poder dos costumes e do discurso religioso sobre as pessoas. Por fim, surge a mulher contemporânea que tem sua imagem apresentada no trabalho e na diversão, a mulher liberal, atualizada, participante que encontra o seu espaço na sociedade. São gravuras que permitem um diálogo com diferentes culturas e momentos vividos pela mulher em nossa sociedade, dialogando com o texto escrito e não sendo mera ilustração dos capítulos.

Ao analisar o material iconográfico presente em livros didáticos de história de 80 a 2000 e neles buscar a representação feminina nas páginas que relatam a história do Brasil no século XX, pude perceber que os materiais produzidos nos anos 80 pouco se apropriam das imagens da mulher e quando aparecem não se consegue perceber a mulher como centro nas imagens, elas estão sempre ao lado de homens, não tendo a sua imagem como foco do texto escrito.

Nos livros mais recentes das décadas de 90 e 2000, embora ainda se perceba pouca utilização da imagem feminina, esta se fez presente em diferentes situações no trabalho, em movimento políticos, diferentes culturas e realidades sociais, apenas no livro de DREGUER e TOLEDO (2000) não se percebe ilustrações da mulher de classe baixa, a imagem da mulher se limitou às classes altas e médias.

A partir dos anos 90 pode se perceber que as narrativas didáticas procuram privilegiar também tensões e conflitos sociais e suas imagens dividem espaços com a tradicional galeria de personagens políticos. É a inclusão da população brasileira, que demorou a ganhar seu espaço no livro didático, uma inovação que aos poucos vem sendo feita.

(...) a população brasileira tinha demorado para aparecer nas ilustrações didáticas, ainda considerando que a história social só recentemente se constituiu um objeto de estudos. (BITTENCOURT, 1997:84)

Apesar do pouco espaço visual dedicado a mulher e dos livros didáticos ainda não privilegiarem a história a mulher em suas páginas, já é uma mudança porque não se vê apenas imagens de um grupo dominante, mas as diferenças sociais, movimentos políticos, trabalhistas e o cotidiano e, em meio a esses temas, a imagem feminina, recebendo destaques em importantes momentos da história do Brasil e tendo em alguns desses sua imagem da mulher como foco central das ilustrações e textos escritos, principalmente nas

obras didáticas de 90 e 2000, como exemplos relembro a conquista de votar e ser votada, representada pela imagem 09; a participação feminina em movimentos grevistas que se verifica na imagem 19 e as conquistas no mercado de trabalho, apresentada na ilustração 18.

Percebe-se que a inclusão da mulher nos livros didáticos, aos poucos e de forma tímida, vem recebendo espaço, assim como as outras mudanças e a inclusão de novos temas que foram ocorrendo de maneira gradativa em manuais didáticos de história ao longo dos anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia, em que procurei investigar como os livros didáticos apresentam a mulher no Brasil no século XX, pude perceber que esta encontra-se nas entrelinhas da história e que as mudanças ocorridas nos livros didáticos ao longo dos anos 80, 90 e 2000 não introduziram em suas páginas a história da mulher.

Em se tratando da elaboração do livro didático, este passou por importantes mudanças com o objetivo da melhoria do ensino, sendo introduzidos temas que permitem ao aluno perceber realidades, culturas, diferenças sociais e o cotidiano em sociedade. Vimos que essas mudanças foram mais presentes em obras dos anos 1990 e 2000, nos quais os autores trabalham com a História do Cotidiano e a História Social e Cultural, não se prendendo apenas a questões de ordem política e econômica.

O lugar da mulher de forma tímida foi surgindo em meio aos novos temas inclusos nos manuais didáticos, sendo citada em alguns episódios da história, a exemplo do direito ao voto, do espaço no mercado de trabalho, do destaque na arte através da música, pintura, televisão e da sua participação em movimentos políticos. A participação da mulher, ou seja, o maior espaço a ela dedicado está em textos complementares, os quais utilizam uma narrativa em torno da mulher do lar, envolta as atividades domésticas e em dedicar-se ao marido, um discurso fortemente ligado à imagem da mulher.

Mesmo assim, a mulher aos poucos vem alcançando o seu espaço nos manuais didáticos, já que em outras épocas estava totalmente ausente. Mas fica para nós professores o encargo de ampliar o lugar da mulher e sua história no Brasil, devendo procurar meios para suprir essa lacuna, recorrendo à pesquisa e inovações para suprir limitações do livro didático. Até porque o docente que procura dialogar com outras fontes e materiais, possibilita uma maior interação entre o aluno e o conteúdo apresentado, além de trazer novas temáticas para sala de aula, que possam interessar bem mais ao aluno, não se limitando apenas ao que é apresentado nos livros didáticos.

As poucas passagens que os livros didáticos dedicam à mulher devem ser aproveitadas para fazer emergir a participação da mulher na história e questionar sobre o lugar da figura feminina nas sociedades em distintas épocas. O tema Mulher sempre é motivo de uma rica discussão e participação em sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BEZERRA**, Holien Gonçalves. *O Processo de Avaliação de Livros Didáticos – História*. In: Anais do Simpósio Nacional da Associação Nacional de História. ANPUH: São Paulo: 1999.

**BITTENCOURT**, Circe. *Livros Didáticos Entre Textos e Imagem*. In: O Saber Histórico na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 1997: 69-91.

**COTRIM**, Gilberto. *História e Reflexão*. São Paulo: Saraiva, 8ª edição, 1999.

**DANTAS**, José. *História do Brasil da Independência aos dias atuais*. São Paulo: Moderna, 1ª edição, 1989.

**DREGUER**, Ricardo; **TOLEDO**, Eliete. *História, Cotidiano e Mentalidades*. São Paulo: Atual, 2ª edição, 2000.

**FILHO**, Severino Cabral. Do encantamento do olhar e da interpretação das Cidades: um diálogo entre as imagens fotográficas e as Ciências Sociais.

**FONSECA**, Thaís Nívia de Lima e. *História e Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

**GUTEMBERG**, Fábio. O Livro Didático de História da Paraíba: Inspirações Teóricas e apropriações e usos por professores do ensino médio, pp. 01-18.

**KOSSOY**, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

**MOCELLIN**, Renato. *História do Povo Brasileiro: Império e República*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.

Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1997.

**PEDRO**, Antônio; **LIMA**, Lizânias de Souza. *História por eixos temáticos*. São Paulo: FTD, 1ª edição, 2002.

**PRIORE**, Mary Del. *História das Mulheres: As vozes do silêncio*. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo Contexto, 1998. p. 217-235.

**SIMAN**, Lana Mara de Castro. Os currículos e as novas fronteiras da História. In: *Anais do Simpósio Nacional da Associação Nacional de História*. ANPUH. São Paulo, 1999.

**VALENTINI**, Lucy; **VILELA**, Maria Célia; **ORDOÑEZ**, Marlene. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: IBEP, 1ª edição, 1999.

# ANEXOS



Fig.01 – Jango e sua esposa no comício de 13 *de março*

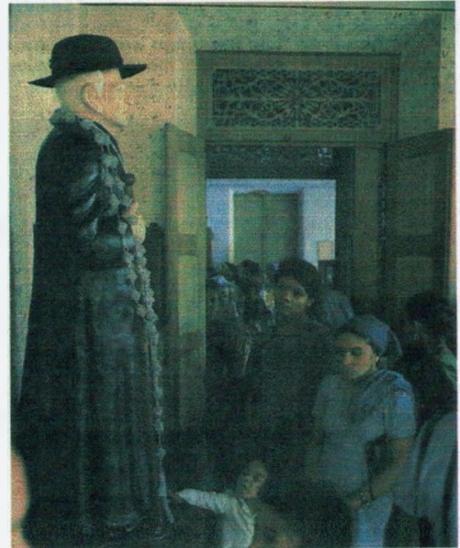


Fig.02 – Padre Cícero Romão, importante coronel do Ceará.



Fig.03 – Os mais diversos setores da sociedade brasileira têm exigido a Abertura Política.



Fig.04 – Os saques, em São Paulo, por exemplo, são demonstração do fracasso do modelo econômico e social dos governos de após 1964.

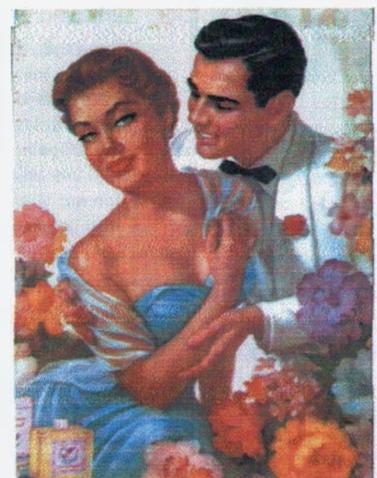


Fig.05 – Publicidade dos produtos de beleza Cashmere Bouquet, 1957.



Fig.06 – A juventude brasileira dos anos 50 descobre o rock'roll.



Fig.07 – Militantes paulistas da CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia – em manifestação contrária ao governo Goulart.



Fig.08 – O congelamento dos preços acelera o consumo.



Fig.09 – Pela primeira vez na história do Brasil, a mulher conquistou o direito de votar e ser votada. Na eleição de 1934, uma mulher, Carlota Pereira de Queiroz, foi eleita deputada federal constituinte.

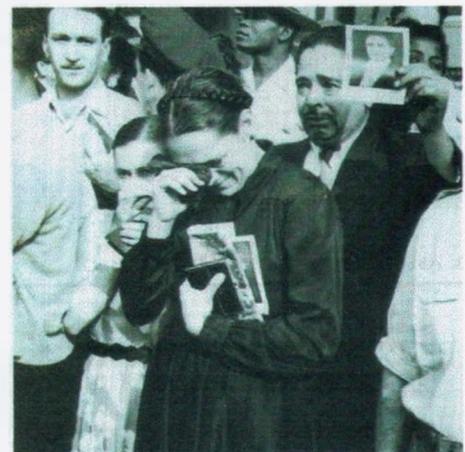


Fig.10 – O suicídio de Vargas gerou grande comoção popular, que atrapalhou os planos da UDN.



Fig.11 – O trabalho de Paulo Freire na educação de adultos foi revolucionário e integrou milhares de cidadãos na sociedade.

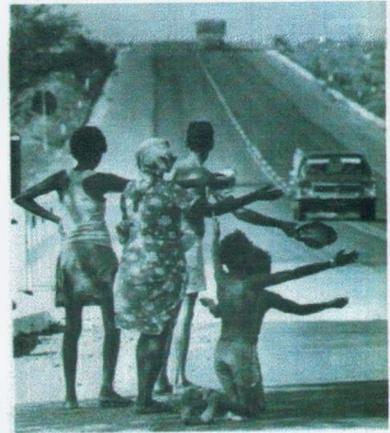


Fig.12 – Flagelados da seca, em 1978, do interior do Ceará, vão às estradas pedir ajuda.



Fig.13 – O Natal de uma família no Vale do Jequitinhonha. Triste retrato da má distribuição de renda.

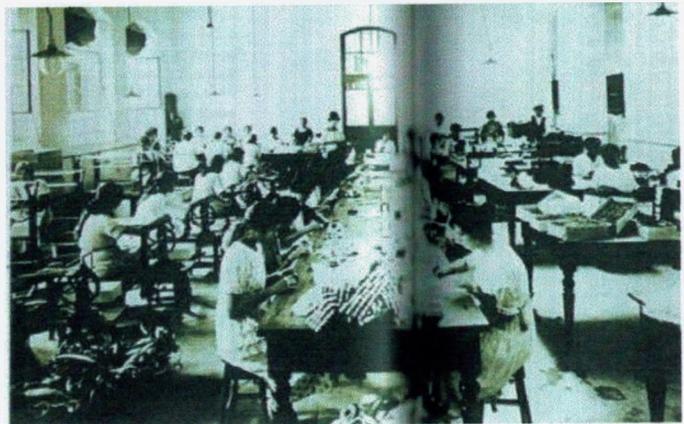


Fig.14 – Mulheres trabalhando na fiação Matarazzo.



Fig.15 – Modelos femininos usados entre 1930 e 1938, em ilustração publicada na revista *O Cruzeiro*.



Fig.16 – Propagandas de eletrodomésticos na TV.

**Não há família como a sua.  
Nem leite como Ninho.**



Ninho é o leite de confiança. Ninho é leite integral, puro e gostoso como nenhum outro.  
Ninho é saúde para a família, e tranquilidade para você. Sua família é única.



**Exija Leite Ninho.**

Fig.17 – Anúncio publicitário em que aparecem os membros de uma idealizada família de classe média.

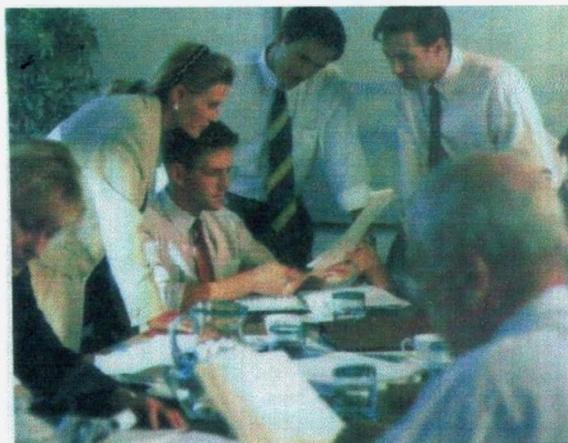


Fig.18 – Altos executivos passam boa parte de seu tempo em reuniões.



Fig.19 – Em 1917, uma greve geral paralisou a cidade de São Paulo. A foto, de 26 de julho, mostra um grande grupo de grevistas, a maioria mulheres, a caminho do palácio do governo para pedir providências contra o aumento de preços dos gêneros de primeira necessidade.

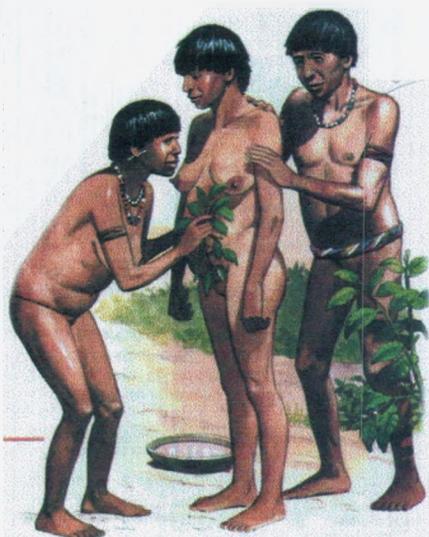


Fig.20 – Ritual de purificação de uma índia Guayaki Ache depois do parto. Pelos rituais, o acontecimento natural do nascimento adquire um caráter social.



Fig.21 – Participantes do movimento do Contestado. As jovens de branco, conhecidas como “virgens”, tinham um papel muito importante nas rezas e cultos.

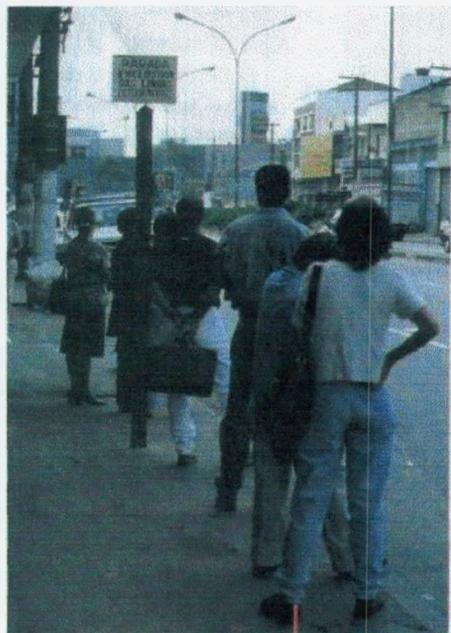


Fig.22 e 23 – Uma fila de ônibus em São Paulo e um maracatu no Recife. O trabalho e a festa, a obrigação e o desejo, a racionalidade e a irracionalidade: no cotidiano essas dimensões da vida se encontram e colidem.